



Revista Brasileira

FASE VIII 🐉 OUTUBRO-NOVEMBRO-DEZEMBRO 2011 🐉 ANO XVII 🐉 N.º 69

SEPARATA

ZOHAR – A ALMA DA CABALA

17 DE NOVEMBRO DE 2011

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

TEATRO R. MAGALHÃES JR.

ACADÊMICO ARNALDO NISKIER

INTRODUÇÃO

ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

APRESENTAÇÃO

ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET

Introdução

MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Por uma feliz sugestão do Acadêmico Sérgio Paulo Rouanet, tivemos o privilégio de assistir à conferência do Acadêmico Arnaldo Niskier, em que ele abordou com muita propriedade, no Teatro R. Magalhães Jr., o tema “Zohar, a alma da Cabala”.

Assunto de grande densidade, que atravessou séculos de estudos e discussões, despertou enorme interesse dos frequentadores dos cursos da ABL, que aplaudiram a apresentação do orador e os comentários judiciosos de Rouanet, um dos maiores especialistas brasileiros em Iluminismo.

O Zohar, sabe-se, é o livro de Abraão, também conhecido como livro do esplendor. Em suas 2.000 páginas (são vários tomos) pode-se conhecer o pensamento dos cabalistas, em particular o papel que exercem as **sefirot** (emanações divinas), que produzem a harmonia de Deus com os seres humanos desde os tempos de Adão e Eva.

Tivemos ciência da existência de duas árvores essenciais: a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento, esta podendo nos conduzir aos caminhos do Bem e do Mal. E ficam mais nítidas as relações com possíveis seres extraterrestres, que podem estar mais perto do que se imaginou antes, com as recentes descobertas de água em Marte e na lua Europa do planeta Júpiter.

Como se vê, é um estudo fascinante do rico misticismo judaico, que, ao contrário do que afirmam alguns pensadores, não tem nada de exotérico. É um banho de cultura, com origem na Península Ibérica, cujo objetivo essencial é tornar o homem melhor, diante do seu destino. O contato com as parábolas e as metáforas do texto dão muito o que pensar, valorizando este trabalho que a Academia Brasileira de Letras tem a honra de publicar e colocar à disposição do público.

O Zohar entre a Tradição e a *Haskalá*

SERGIO PAULO ROUANET

Vamos hoje ter o prazer de ouvir Arnaldo Niskier numa palestra sobre o Zohar, que, como se sabe, é um dos livros mais conhecidos dessa obra-prima da sabedoria judaica que é a Cabala. O professor Niskier pertence à categoria dos apresentados que segundo o *cliché* não precisam de apresentação, mas mesmo assim é bom lembrar alguns dados do seu vastíssimo *curriculum*. Ele é doutor pela Uerj, professor universitário e autor de muitas dezenas de livros, em grande parte na área da educação. Sua estreia, nesse campo, foi em 1954, quando publicou “Questões vestibulares”, e tem prosseguido ao longo dos anos. Em 2009, por exemplo, lançou “Vozes da educação”. Foi presidente do Conselho Estadual de Educação e do Conselho Estadual de Cultura. Foi Secretário de Estado da Cultura, em 2004 e 2005. Jornalista, é frequente colaborador dos principais jornais das grandes capitais do Brasil. E antes que me esqueça, nosso palestrante de hoje tem em sua bagagem literária numerosos livros infantis.

Eu deveria terminar aqui a minha intervenção, pois o coordenador ideal é aquele que fala o mínimo possível. Mas já que a mesa que me coube coordenar consta de um único palestrante, talvez eu possa abusar ligeiramente dos meus poderes de coordenador, concedendo a mim mesmo um tempo adicional.

Prometo dar meu recado em menos de dez minutos, atendendo, aliás, a desejo explícito de Arnaldo Niskier, que quando lhe assegurei uma vez que minha fala só duraria 15 minutos, respondeu: Por que tanto tempo?

Há entre nós dois uma afinidade genérica, reforçada por um interesse específico. A afinidade genérica vem da convergência de nossas posições na área da educação e da cultura, às quais atribuímos importância primordial. O interesse específico é o que partilhamos ambos pelo judaísmo.

A primeira vez que nos encontramos nesse terreno foi quando escrevi um longo prefácio ao livro de Niskier intitulado “Contribuição dos judeus ao desenvolvimento brasileiro”, resultante de um ciclo de painéis realizado em 1998, quando Arnaldo era Presidente da Academia Brasileira de Letras. Mas onde senti uma verdadeira fraternidade de ideias foi no maravilhoso livro que ele lançou em 2010 sobre o Iluminismo judaico. Descobri, graças a esse livro, o belo conceito de *Haskalá*, que designa um movimento setecentista de modernização do judaísmo, cujo nome vem do hebraico *Sekbel* (intelecto, razão) e cujos adeptos eram os *maskilim*, os esclarecidos. Era a versão judaica do Iluminismo europeu. Como as *Lumières* francesas, a *Aufklärung* alemã e o *Enlightenment* inglês, a *Haskalá* está associada à ideia da luz, pois o termo “esclarecido” vem de um trecho do livro de Daniel segundo o qual “os esclarecidos brilharão como as luzes do firmamento.” Era a passagem da noite para a claridade, do gueto para o espaço público. A origem remota da *Haskalá* era o pensamento de Maimônides (1135-1204), para quem a crença religiosa era indissociável da razão. Era uma prefiguração das Luzes. No século 18, cada comunidade da diáspora teve sua própria *Haskalá*, mas a mais influente foi a alemã, onde atuou Moses Mendelsohn, avô do compositor. Mendelsohn foi amigo de Lessing, autor da peça *Nathan der Weise*, cujo herói era um judeu cosmopolita, inimigo das fronteiras nacionais e raciais entre os homens. E colaborou com Kant na própria conceituação da *Aufklärung*, na medida em que os dois estão entre os pensadores que responderam ao famoso inquérito de um jornal alemão sobre o significado do Iluminismo.

Qual a posição da *Haskalá* com relação ao nosso tema de hoje, o Zohar? Assim como o Iluminismo criticou a Bíblia, a *Haskalá* criticou a Cabala e, portanto, também o Zohar, acusado de ser “o livro das mentiras”, e de ter obscurecido “a pura luz do judaísmo”. No entanto, a renovação do interesse pela mística judaica, no século 20, levou à revalorização do Zohar. Que as duas atitudes não são incompatíveis é atestado por Gershom Sholem, que redescobriu o tesouro literário que é o Zohar, sem com isso renunciar aos métodos racionais da filologia e da crítica histórica. Por tudo isso, é tempo de ouvir o que Arnaldo Niskier tem a dizer sobre a matéria, ele que é, ao mesmo tempo, um dos mais eminentes *maskalim* do Brasil contemporâneo e um grande intérprete da tradição.

Com a palavra, Arnaldo Niskier.

Zohar – A Alma da Cabala

ARNALDO NISKIER

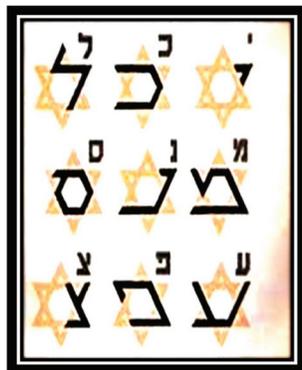
“Deus é toda a realidade, mas nem toda a realidade é Deus”.

MOISÉS CORDOVERO

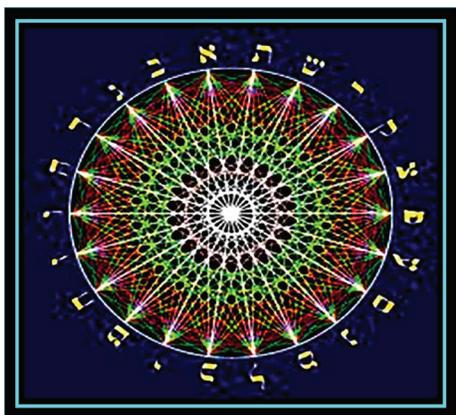
Antes de penetrarmos nos mistérios do Zohar (o livro do esplendor), que é a obra central na literatura da Cabala, é justo que se preste homenagem ao acadêmico Sérgio Paulo Rouanet, grande estudioso do pensamento, que inspirou a realização desta conferência. Segundo ele, como está no Gênesis (1:3) “faça-se a luz”, é preciso mergulhar fundo nos estudos do século XIII, para trazer à tona os tópicos principais das 2.000 páginas em que se concentra a corrente religiosa mística do judaísmo.

No nível filosófico, a Cabala, escrita originalmente em aramaico, procura explicar a relação entre Deus e a criação, a existência do bem e do mal, e mostrar o caminho da perfeição espiritual. Movimento de início aristocrático, tornou-se depois religioso e popular no século XVI, passando a atrair multidões.

Em sua versão popular, combinava letras hebraicas em fórmulas mágicas (amuletos) para curar enfermos e com objetivos essencialmente místicos, como a tentativa de apressar o advento do Messias.



A palavra Cabala vem da raiz *Kabbel*, que significa receber. Compõe-se de diversos livros, sendo o mais expressivo deles o Zohar, obra atribuída ao rabino Shimon Bar Yochai, que viveu no século II. Um estudo exato desses livros exige o domínio do hebraico, considerado um alfabeto sagrado. O ponto de partida de todo o conhecimento vem do alfabeto. As 22 letras que constituem esse alfabeto são também números. Essas letras não são colocadas ao acaso, uma após as outras. Isso significa que estudar esses signos requer o conhecimento de alta matemática.



Cada letra hebraica é uma potência que representa três elementos: além da letra (hieróglifo), é também um número (o da ordenação no alfabeto) e uma ideia. As relações de cada uma das 22 letras estão ligadas às forças criadoras do Universo. Essas forças evoluem nos três mundos: físico, astral e psíquico, constituindo-se no ponto de partida de várias teorias. Os antigos

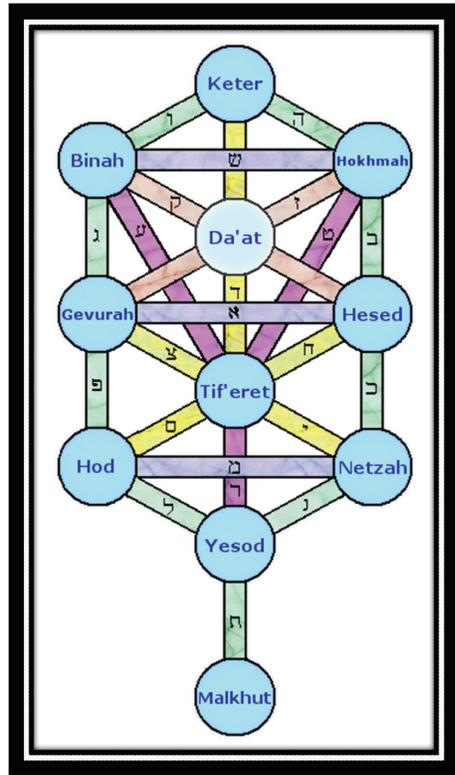
rabinos e os cabalistas explicam, segundo esse sistema, a ordem, a harmonia e a influência dos céus sobre o mundo.

Os primeiros sinais do misticismo judaico podem ser encontrados a partir do século I, mas com as descobertas dos manuscritos do Mar Morto o conhecimento do assunto deve ser anterior. Sabe-se que Babilônia e Bizâncio dos séculos VI e VII foram importantes centros de vida mística, onde se discutia a existência do Trono da Divina Glória, cujos adeptos sentiam suas almas se elevarem através de mundos e céus. A esses eram revelados os segredos da criação, os caminhos dos anjos e a possível data do advento do Messias.

Nas letras do alfabeto hebraico propõe-se a doutrina das dez *Sefirot* (as potências divinas ou emanções segundo as quais Deus se comunica com o mundo físico e o metafísico). Através delas, o mundo veio a existir. O fim do

homem é chegar à comunhão com Deus, pela concentração na oração e da mediação das *Sefirot*. O clímax do cabalismo espanhol foi o aparecimento do Zohar, ligado a Moses de Leon, morto em 1305.

Todos os sistemas cabalísticos posteriores derivaram do Zohar, que defende a ideia da manifestação própria ou da revelação de Deus por intermédio das potências divinas (*Sefirot*) que dele emanam. O Deus transcendente permanecerá sempre acima das mentes humanas, que só podem entender as *Sefirot*. Vamos citá-las para melhor compreensão:



- 1) Coroa (*Kether*).
- 2) Sabedoria (*Chokhmah*).
- 3) Inteligência (*Binah*).
- 4) Bondade amorosa (*Chessed*).
- 5) Heroísmo (*Guevurah*).
- 6) Beleza (*Tiferet*), para trazer harmonia e paixão ao mundo.
- 7) Eternidade (*Netzach*).
- 8) Majestade (*Hod*).
- 9) Fundamento (*Yesod*), que concentra todos os poderes mais altos e exerce influência.
- 10) Reino (*Malkhut*), a potência que distribui a corrente divina aos mundos inferiores.

A ÁRVORE DA VIDA E AS 10 SEPHIROTH

Os 4 mundos

ATZILUTH
O Mundo Arquetípico
Espírito Puro
Fogo
YOD

BRIAH
O Mundo Criativo
Intelecto Puro
Água
HEH

YETZIRAH
O Mundo Formativo
Sutis Padrões de Matéria
Ar
VAU

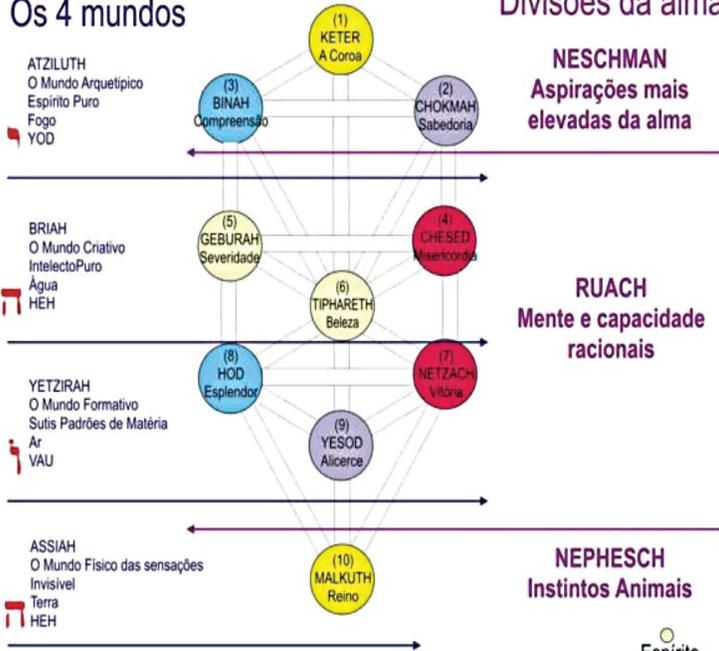
ASSIAH
O Mundo Físico das sensações
Invisível
Terra
HEH

Divisões da alma

NESCHMAN
Aspirações mais elevadas da alma

RUACH
Mente e capacidade racionais

NEPESHCH
Instintos Animais



(1) KETER A Coroa	(2) CHOKMAH Sabedoria	(3) BINAH Compreensão	(4) CHESED Misericórdia	(5) GEBURAH Severidade
(6) TIPHARETH Beleza	(7) NETZACH Vitória	(8) HOD Esplendor	(9) YESOD Alicerce	(10) MALKUTH Reino



Sónia Hercos



Segundo explicação de Vassariah, o Nome Místico-Cabalístico de Jesus no centro do losango é o símbolo da evolução das forças e de sua dualidade (o que está em baixo é como o que está em cima, e o que está em cima é como o que está embaixo, para realizar os milagres de uma só coisa*).

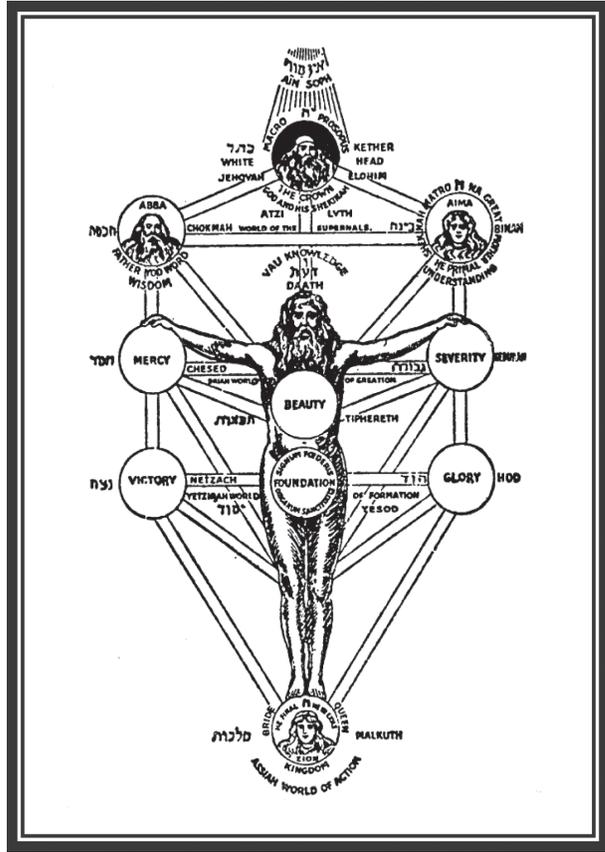
CABALA CRISTÃ

O que se chama de Cabala Cristã foi desenvolvimento da Academia Médici e a principal realização de Pico della Mirandola, um dos eminentes intelectuais da corte e que traduziu os principais textos cabalísticos para o latim. Ele afirma que "não existe ciência melhor que a magia e a cabala para nos convencer da divindade de Jesus Cristo."

No seu 14º princípio cabalístico afirmava-se que ao acrescentar a letra hebraica (Shin) ש, ao nome divino יהוה (Yod, Heh, Vau, Heh), produzindo יהוה ש (Yod, Heh, Shin, Vau, Heh) que significa Jeheshua, o nome de Jesus em hebraico tornando-se possível pronunciar o impronunciável nome de Deus.

Do ponto de vista da cabala hermética esse fato tem uma característica especial, talvez porque afirmam que todas as coisas são quatro elementos ativados por um quinto elemento, que é o espírito.

As *Sefirot* foram desenhadas e descritas pelos cabalistas de várias maneiras, como na forma de triângulos, árvores ou no corpo de Adam Kadman, o “homem primordial”, que é a nossa essência espiritual. O Zohar fundamenta toda a Cabala no Pentateuco, interpretando de modo místico cada palavra ou letra. Os ensinamentos espalharam-se nos séculos XIV e XV pela Espanha, Itália e Polônia. Os desejos messiânicos foram aguçados



pela expulsão dos judeus da Espanha (1492), concentrando-se os principais cabalistas em Safed, a cidade mais alta da Galileia, com os estudos dos especialistas Eliezer Askari, Salomão Alkabetz, José Caro, Moisés Cordovero e Isaac Luria. Cordovero foi o teórico do movimento, tratando especialmente das diferenças entre panteísmo e cabalismo (“*Deus é toda realidade, mas nem toda realidade é Deus.*”). Nenhuma barreira separa Deus das *Sefirot*.

Retornando ao seu significado, a paz e o bem são consequências da influência de *Chessed* (as misericordiosas qualidades de Deus), a fome e a guerra de *Guevurah* (fonte do divino julgamento e a lei). Os justos esforçam-se por intermédio de boas obras para salvar o povo eleito do exílio. Os órgãos humanos correspondem às dez *Sefirot*, e o papel dos homens é lutar pelo domínio dos seus mais nobres princípios.

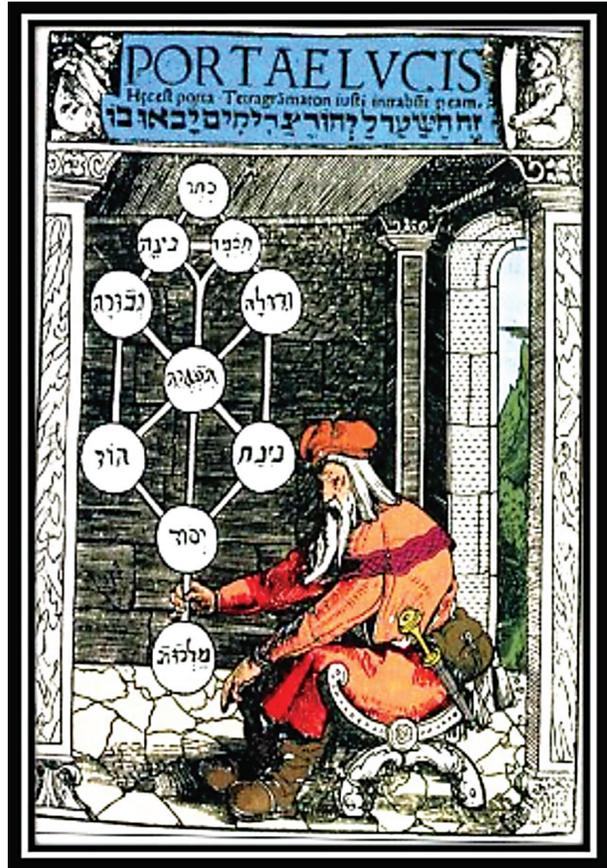
Entre os eruditos contemporâneos da Cabala destaca-se Gershom Scholem (1897-1987), para quem a palavra deriva do hebraico *Kabalah*, cujo significado se aproxima de tradição. Considera-se Scholem a maior autoridade contemporânea em misticismo e messianismo judaicos. Popularizou esses conceitos, como pode ser visto pela publicação das suas obras pela Editora Perspectiva, de São Paulo. Para ele, “*sem rigor ético, nada resta ao ser humano.*”

No Zohar encontram-se os sublimes mistérios da Torá. Deus é, ao mesmo tempo, o criador do bem e do mal, como lembrava o profeta Isaías (45:7):

*“Eu formo a luz, e crio a escuridão;
Eu faço a paz, e crio o mal.”*

O LIVRO DE ABRAHÃO

O Zohar, coleção de metáforas e parábolas que iluminam a Torá, onde se encontra a doutrina judaica, tem o propósito de guiar as pessoas que já alcançaram níveis espirituais elevados a partir da origem das suas respectivas almas. Também é conhecido como o livro de Abrahão, patriarca da religião judaica. Antes do estudo do Zohar, é costume dos judeus recitar uma oração, parte da qual nos permitimos reproduzir:



“Regente do Universo e Mestre de todos os mestres, oh Pai de clemência e perdão, nós Vos agradecemos, nosso Deus e o Deus de nossos pais, nos reverenciando e ajoelhando, pois Vós nos trouxestes para mais perto da Torá e Vosso santo trabalho, e permite-nos tomar parte nos segredos da Vossa santa Torá... Absolva nossos pecados e que eles não tragam separação entre Ti e nós... Que seus méritos e os méritos de seus pais, os méritos da Torá e santidade nos sustentem para que assim nós não venhamos a fraquejar em nossos estudos.”

Até meados do século XVI, cosmólogos tinham certeza de que a Terra era o centro do Universo. O Sol girava em torno da Terra imóvel e totalmente

plana. Demônios causavam doenças. Vultos hibernavam na Lua. E qualquer um que tivesse a temeridade de sugerir o contrário seria imediatamente encarcerado, torturado e até queimado na fogueira.



Muito antes disso, no entanto, os astrólogos faziam observações seguras sobre o esquema celestial e as forças cósmicas. Eram os cabalistas que indagavam: Por que a Terra circula o Sol? Onde fica o homem no esquema cósmico? Através da sabedoria revelada no Zohar, foi possível conhecer

os mistérios das relações interplanetárias, inclusive os movimentos externos das entidades celestiais, muitos anos antes dos primeiros voos ao espaço ou a conquista da Lua.

Foi por intermédio do Zohar e do estudo das letras hebraicas que os primeiros cabalistas penetraram nos segredos do universo físico, bem antes dos bilhões de dólares investidos na construção e operação dos ônibus espaciais. Como justificar essas despesas se podemos viajar pelo espaço com a utilização de nossas mentes? Os cabalistas não se preocupam com a comprovação científica do conhecimento. O que interessa para eles é a verificação pessoal, as experiências. Da verificação experimental não há como duvidar.

Pelo estudo dos princípios cabalísticos, a astrologia tornou-se uma ciência de criatividade viva, assegurando acesso ao reino do Infinito. Todos nós temos um pouco de intuição, mas não são todos que podem prever o futuro. Devemos caminhar entre probabilidades, no estudo da natureza. Na mecânica quântica, os físicos falam em “habilidades de estimar algumas probabilidades sobre o futuro.”

Já o cabalista não sofre de incertezas. Ele viaja pela mesma estrada dos corpos celestes, com a mesma precisão de um competente astrônomo. A cabala acredita na promessa de uma ciência real no futuro. As primeiras observações

do Universo pelos cabalistas, inspiradas nas reflexões do Zohar, forneciam um valioso guia para a busca do aperfeiçoamento do bem-estar físico, emocional e mental. Os primeiros cabalistas eram familiarizados com os corpos celestes e consideravam seus movimentos no céu como expressões físicas de inteligência extraterrestre. Eles visualizavam as constelações e planetas como entidades inteligentes, motivadas por energias internas, como as que se manifestam na Terra: água, ar, fogo e terra, os chamados quatro elementos.

Os cabalistas conhecem bem o poder das relações interplanetárias e as utilizam para fazer previsões. Dão muita importância aos aniversários porque essas datas fornecem uma percepção das forças cósmicas que agiam na hora do nascimento. Através da matriz astrológica estabelecida, muito do futuro de uma pessoa pode ser predito, aqui entrando também o nível intuitivo.

EXPRESSIONÃO CERCADA DE LENDAS

Em torno do Zohar criaram-se muitas lendas, desde a que assegura a existência da sabedoria secreta até as que criticam a expressão, que seria um conjunto desordenado de anacronismos.



Na literatura medieval, ligado ao Zohar existe o Santo Graal (e eles se confundem). Poderia ser também um objeto utilizado por Jesus Cristo, na Última Ceia, uma espécie de cálice, muito referido no discutido livro “O Código Da Vinci”. Outra versão é a de que seria um recipiente de cerâmica utilizado na Judeia, no século I da era cristã, mas sabe-se que a origem da palavra é latina, significando “tardio”.

Para os cabalistas, o verdadeiro Santo Graal é o Zohar, escrito originalmente em aramaico e no hebraico antigo, onde é possível encontrar as minuciosas explicações a respeito das Dez Emanações Luminosas (*Sefirot*).

Na criação do mundo houve dois universos paralelos. O universo sem defeito era a Árvore da Vida, e a realidade estava na Árvore do Conhecimento. Nesta habitam o bem e o mal. O ser humano recebeu de Deus a capacidade do livre arbítrio. Quando escolhemos a Árvore da Vida, optamos pela inexistência do caos. Quando Adão conectou-se à Árvore do Conhecimento e comeu o fruto proibido, fez a sua escolha, a conexão com o caos, que depois chegou à sua forma bem mais elevada: a morte.

Quando surgiu a Revelação de Deus, no Monte Sinai, era para o conhecimento de todas as nações, tentativa divina de remover o caos do nosso meio. Depois veio a segunda Revelação, a transmissão do Santo Graal, o Zohar, apresentado pelo Rabbi Shimon bar Yochai e seu filho Elazar, depois de 13 anos de acurados estudos numa caverna, na região norte da Galileia.

Embora tivesse origem anterior, o Zohar permaneceu oculto até o ano de 1279, quando reapareceu na Espanha pelas mãos do rabino cabalista Mosé De Leon. Foi quando houve o convencimento de que caos e mortalidade podem terminar, mas somente com a participação de todas as pessoas do globo.

Os hebreus receberam a totalidade da Força da Luz contida nas Tábuas por sua intensa afinidade com o divino. O incidente do Bezerro de Ouro mostrou que não se pode exaltar o ego de forma ilimitada. O momento crítico da mudança chegaria junto com a Era de Aquário, depois de um período de sofrimento de mais de 2 mil anos, em que tragédias vitimaram o povo judeu, como os 300 anos da Inquisição, que só teve fim no século XIX, no México.



Histórias como a de Adão e Eva constituem um conjunto de códigos místicos que o Zohar decifra. Como está no Gênesis, o Senhor disse a Adão para não comer da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, pois ele poderia morrer. Adão e Eva desobedeceram e nada aconteceu a Adão, por exemplo, que teve uma longa vida de 930 anos. Deus estaria errado? É um enigma que até hoje se discute, com a convicção de que a sua desobediência trouxe ao mundo caos, dor e sofrimento em lugar da imortalidade.

Há os que alegam que as pessoas podem enlouquecer quando estudam a Cabala. Ao contrário, o seu conhecimento poderá transformar o mundo, trocando o sofrimento pela realidade da Árvore da Vida. O cérebro humano está em constante disponibilidade para receber a Força da Luz. Mas os pensamentos infinitos nos perturbam, trazidos por Satã, que constantemente se infiltra em nosso cérebro.

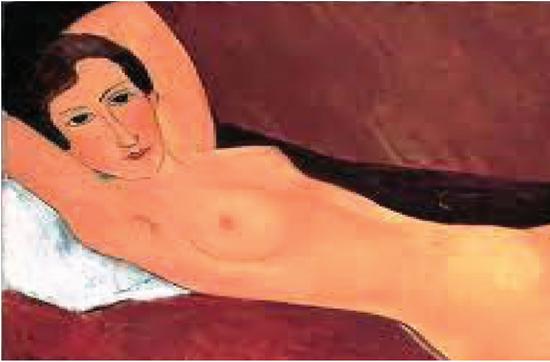
Devemos procurar sair dos pensamentos que nos são impostos por Satã, para alcançar nosso bem-estar físico e mental. O Zohar garante que as vidas de todos os seres humanos são programadas por impressões cósmicas. Devemos deixar a confusão de lado, nos valendo das perspectivas da Era de Aquário que estamos vivendo. Quando fazemos as perguntas “por que eu” e “por que agora”, devemos considerar a nossa vulnerabilidade diante de *Bilaam* (Satã), o inimigo de todos os seres humanos. Os israelitas conseguiram controlar a energia negativa transmitida pelo cosmos. Vejam como exemplo o que ocorreu na hora do Êxodo. Eles se recusaram a aceitar respostas inexplicáveis para o caos do Universo.

A leitura do Zohar oferece proteção contra as influências negativas que constantemente nos bombardeiam, inclusive com doenças aparentemente inesperadas. Há forças imateriais na dança cósmica, citadas nos contos e narrativas do Zohar. A sua leitura oferece proteção contra essas influências negativas.

A consciência é uma arma para remover a vulnerabilidade. Na visão cabalística, os canais dos nossos cinco sentidos (ouvidos, olhos, nariz, boca e mãos) são dinâmicos por natureza. São energias que muitas vezes agem fora de nós. Assim se explicam narrativas do poder incrível da observação e do

mau-olhado. Há pessoas que podem transmitir bênçãos e curas se manifestam. Outras tendem à negatividade e maldições. A energia de um olhar negativo pode se espalhar por toda a parte e criar muito infortúnio.

A energia imaterial negativa pode existir e devem ser tomadas precauções para evitá-la. Quando estamos envoltos pela Força da Luz da Árvore da Vida, energias negativas não podem romper essa proteção.



O retrato de Celine Howard

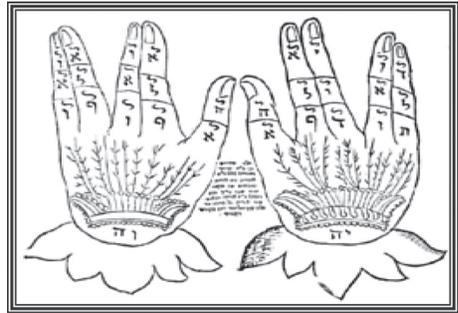
As explicações para as maldições ou para as genialidades do homem também passam pelas Sagradas Escrituras. Gênios da música, da literatura ou da pintura tiveram suas trajetórias de vida influenciadas pelos estudos cabalísticos. O genial pintor italiano Amedeo Mo-

digliani, por exemplo, teve uma existência atormentada ao longo de seus 35 anos de vida. Iniciado pelo avô no estudo da cabala, ele pontua suas telas de alusões à concepção de mundo desse ramo do judaísmo.

O tema é fascinante também quando se estuda, cientificamente, a probabilidade de existir algum tipo de vida fora das nossas atuais limitações cósmicas. Se existe água em Marte, como se verificou, recentemente, quem garante que no planeta vermelho não poderá existir também algum tipo de vida? É um desafio para os estudiosos.

A CURA

Há cerca de 400 anos, Rabi Isaac Luria escreveu sobre a cura: *“Para remover uma enfermidade, a pessoa deve aceitar as amargas condições para a cura, compreendendo as disciplinas metafísicas, que são as doutrinas secretas do mundo.”* Esta sabedoria foi ocultada, para ser revelada somente na Era de



Aquário, que começou no século XX. A comprovação veio por intermédio da incrível explosão tecnológica dos nossos dias.

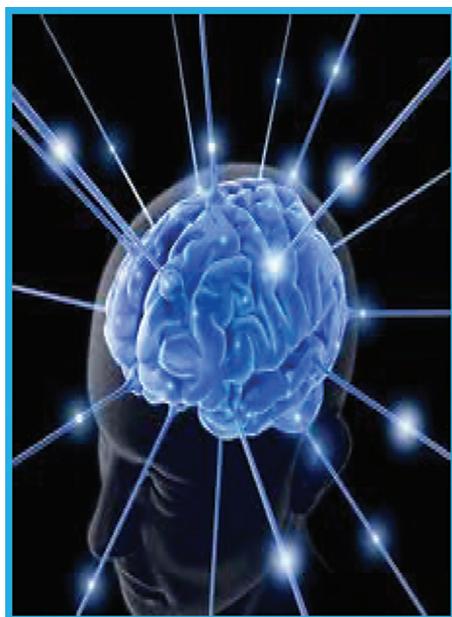
É muito claro que a consciência exerce um papel importante no processo curativo do nosso corpo, embora a mente seja, ainda, um mistério. Temos plena convicção de que a mente participa da cura da doença, mesmo as degenerativas. É o que os cabalistas chamam de poder da mente sobre a matéria. O homem, utilizando o poder do pensamento, pode agir sobre as atividades físicas e metafísicas. Para alcançar esse tipo de domínio, é exigida uma transformação da consciência.

Essa realidade não se altera nos tempos presentes, com a existência dos computadores e suas quase inacreditáveis conexões. Mas a verdade é que eles fornecem milhões de informações que dependem de um programador. Existe a clássica pergunta: “Quem aperta os botões?” Nossa vida é feita de amor, intuição, lealdade, sonhos, ilusões, sensações de paz, alegria e felicidade – todos conceitos não conhecidos de um computador. Para entender esse fenômeno, o Zohar é um excelente ponto de partida.

Os seus especialistas têm em mente que os seres humanos utilizam não mais do que 4% da sua consciência, e que o resto permanece inativo. Só o Zohar tem condições de alargar essa perspectiva. Por causa dessa realidade, fracassamos em nos libertar do caos, da dor e do sofrimento, por causa da nossa consciência limitada. O Zohar pretende ativar a mente inconsciente através da leitura dos seus fundamentos. Para o Zohar, o ser humano tem

controle sobre o reino inanimado. Até mesmo as influências cósmicas que estão no coração de todo o infortúnio e enfermidades encontram-se sujeitas ao controle humano. Os cabalistas procuram a prevenção da vulnerabilidade. Em tempos determinados, o cosmos ataca nossos mecanismos de defesa natural.

Os cabalistas desenvolveram o conhecimento da conexão entre o corpo físico e o Universo, embora os 13 bilhões de células cerebrais interconectadas tenham tornado impossível localizar os circuitos exatos em que a consciência opera. O cérebro supera, de longe, o maior dos computadores.



Apesar dos muitos anos de pesquisa a respeito da memória, a habilidade do cérebro de armazenar informações e recordá-las permanece ainda um mistério. Para o Zohar, a nossa mente esconde um universo de atividades ainda desconhecidas. Vivemos um tempo de turbulências, com a era de Aquário, tornando a nossa civilização preocupada com informações e esclarecimento.

O Zohar tem o incrível poder de ativar os 96% da nossa inconsciência e pode nos levar a crer que se pode alcançar uma vida sem caos.

Quem levou o ser humano ao abismo da complexidade foi Satã. Devemos trabalhar para nos libertar da negatividade.

A FORÇA DOS OLHOS

Os veículos mais poderosos pelos quais adquirimos a compreensão de tudo ao nosso redor são os olhos. Podemos chegar à Árvore da Vida, sem defeitos, estudando a natureza dos cinco sentidos.

Os olhos têm quatro cores, são quatro dimensões de energia, por isso é mais poderoso do que os outros sentidos (o ouvido tem três seções, o nariz tem duas e a boca tem uma só). O olho é a janela da nossa consciência racional e também da subconsciência. A luz da verdadeira realidade remove as trevas, a incerteza e as decisões erradas que provocam caos em nossas vidas. O Zohar ensina que o primeiro passo é reconhecer que nossas vidas são realmente vulneráveis ao caos infinito que se encontra dentro e fora delas.

Um exemplo prático: as vítimas das drogas, do álcool e outras formas de vício são geralmente descritas como pessoas de mente fraca. Cabalisticamente falando, pessoas assim, na verdade, estão procurando uma aventura livre de restrições. As razões, no entanto, podem estar nas influências cósmicas e nas zonas de perigo que afetam as pessoas e o seu sistema imunológico. Não existe nenhum método fácil para alcançar o bem-estar, mas devemos nos tornar mestres do nosso destino, com uma atitude positiva diante da raça humana e do ambiente.

Graças à Cabala, podemos mudar o rumo do nosso infortúnio. A maioria das pessoas está sujeita a ser sortuda ou não, colocando suas vidas nas mãos dos outros. Isso é justamente o que Satã deseja. Graças ao Zohar, devemos buscar sempre a positividade, inclusive evitando a ansiedade e o labirinto de impressões do computador, ao qual não devemos ficar escravizados.

A Cabala levanta perguntas sobre tudo. Por isso, algumas pessoas ficam temerosas de se entregar aos seus estudos, principalmente porque não são espiritualmente puras. O Zohar permite respirar o ar fresco da verdade. Como Deus é bom, de onde se originou o caos? É preciso entender a

doutrina do Pão da Vergonha e não exigir do Criador, sem merecer, um fluxo contínuo de benemerências. Quando Deus viu que o ser humano não era capaz de remover o Pão da Vergonha, trouxe a revelação do Monte Sinai. Foi a primeira chance, depois que Adão falhou, de o homem retirar o caos de sua vida. O evento forneceu os elementos para eliminar Satã e o seu caótico exército de destruidores, removendo a dor e o sofrimento do Universo.

OS CUIDADOS COM O COMPUTADOR

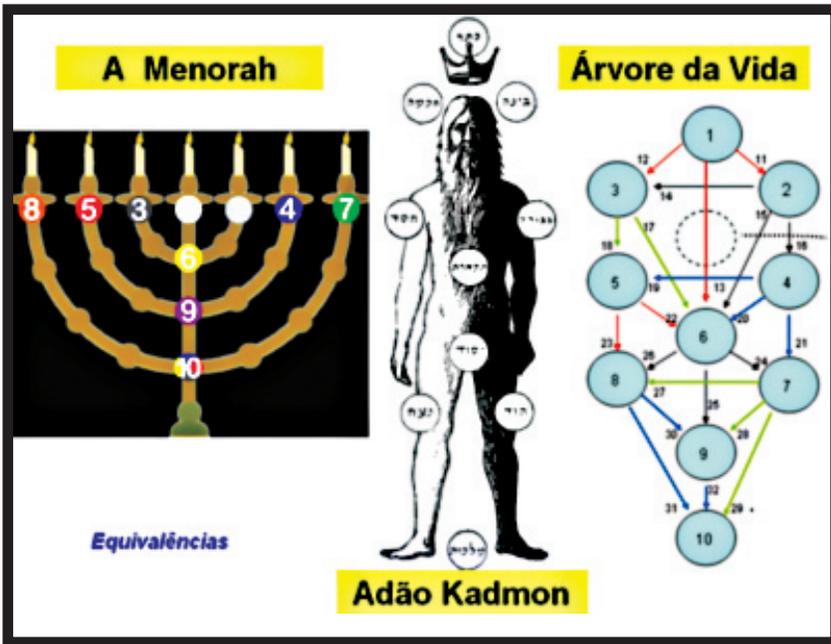
Em nossos dias, o computador faz com os homens, em geral, o que o Bezerro de Ouro fez aos hebreus. Não se pode acreditar, de forma ilimitada, na habilidade desse intermediário, capaz de processar bilhões de informações. O banco de dados do cérebro, no entanto, tem informações que nenhum computador jamais poderá combinar. Dentro do cérebro, não há ideia de passado, presente e futuro. Tudo é aqui e agora. O nível metafísico ou inconsciente pode realizar infinitas combinações, provendo a humanidade de grandes benefícios.

Funcionamos com muito pouco do nosso imenso potencial. A Força da Luz da Árvore da Vida, insistimos, poderá eliminar informações negativas ou caóticas. O Zohar abraça o pensamento e produz resultados, depois de 4 mil anos de vida, com o pormenor que se encontra no seu livro II:

“Todos os tesouros celestiais e mistérios escondidos não revelados às gerações dos primeiros 2 mil anos do aparecimento do Santo Graal serão revelados na Era de Aquário.”

É o início de uma nova era de Revelação, a terceira, quem sabe aquela que promoverá a erradicação dos males do mundo, onde a morte se torna ilusória.

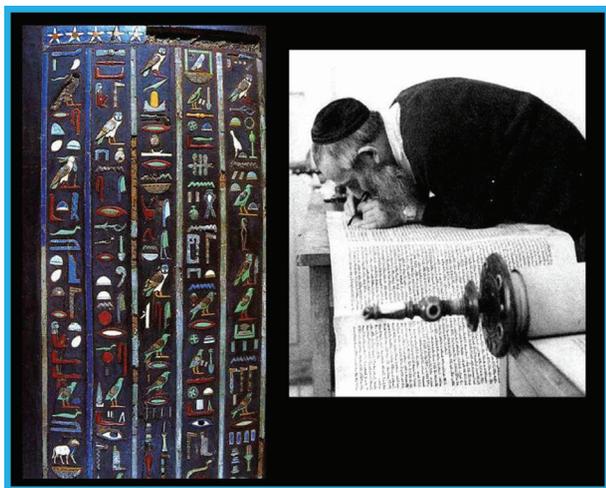
Através dos estudos da Cabala, podemos nos conectar com o mundo da certeza, deixando para trás o caos e a desordem. Pela leitura do Zohar podemos dominar o curso de nossas vidas, guiando para um estado de vida lindo e prazeroso.



O Zohar é descrito como capaz de permitir ao homem escolher o bom caminho, garantindo o seu livre-arbítrio. Não é obra de um só autor, mas de vários, ao longo da história. Suas primeiras edições completas apareceram em Mantua (1558-60) e Cremona, quase concomitantemente.

Para ir um pouco mais longe, nessas considerações, é preciso entender que o Zohar é composto de uma série expressiva de metáforas e parábolas, que excitam a interpretação dos sábios – e aí reside o seu segredo e a possível descoberta dos mistérios ali contidos. Sabe-se que Deus deseja que os homens descubram em todas as suas obras o mistério da Sabedoria. As obras do Santo, bendito seja, são as palavras das Sagradas Escrituras. Não há um só versículo, por mais insignificante que pareça, que não encerre vários sentidos que nos conduzam ao Ministério da Sabedoria Suprema. Isso ensejou ao Rabi Yohanán ben Zakay a elaboração de 300 máximas, com a conclusão que pode ser encontrada nos Salmos II9:18:

“Abre meus olhos para que eu contemple as maravilhas da Tua Lei.”



Para nós que, na Academia Brasileira de Letras, lidamos com as palavras, pode-se afirmar que em cada termo das Sagradas Escrituras, o Santo, bendito seja, colocou um mistério supremo, que é a alma da palavra. Embora a sua visão clara e nítida

seja impossível, os clarividentes são capazes de entrever a sua essência.

Conta o Zohar que dois mil anos antes da criação do mundo, as letras estavam já ocultas e o Santo as contemplava e se deleitava com elas. Quando quis criar o mundo, todas as letras se apresentaram diante Dele, mas em ordem inversa. A letra *Taw* foi a primeira a aparecer, com o argumento de que era a última letra da palavra *Emet* (Verdade). “*Tu mesmo és chamado de Emet.*”



O Santo respondeu: “*Com efeito, tu és digna, mas não convém que me sirva de ti para a criação do mundo, pois estás destinada a ser gravada na frente dos homens fiéis que observam a Lei, desde Alef até Taw.*” Ele foi recusando sucessivamente várias letras que se apresentaram, até que observou a letra *Alef* quieta no seu canto. Deus perguntou por que ela não havia se proposto a ser a primeira. Resposta: “*Mestre do Universo, ao ver que todas as letras se apresentaram ante Ti, inutilmente, por que haveria de me apresentar?*”

O Santo respondeu: “*Oh, Alef, Alef, ainda que a letra Bet me sirva para a criação do mundo, tu serás a primeira de todas as letras e em ti terei Eu a unidade.*” E completou: “*Serás a base de todos os cálculos e de todos os atos produzidos no mundo, e ninguém poderá encontrar a unidade de nada senão a partir da letra Alef.*” Por isso, as primeiras palavras da Sagrada Escritura têm por inicial dois Bet (*Beresit Bara*) e dois Alef (*Elohim ET*), para marcar o que ocorre no mundo celeste e no mundo terreno.

MASCULINO E FEMININO

A Glória de Deus é inacessível à inteligência humana e é objeto da fé. Por esse mistério foi criado o homem, junto com o céu e a Terra. Dizem as Sagradas Escrituras: “*Ele é que colocou o nome de Adão.*” Deus só abençoa quando o homem e a mulher estão unidos. Esta Sabedoria se manifesta e produz *Binah* (inteligência) e assim teremos o binômio masculino e feminino, pois a Sabedoria (*Hokmah*) é o Pai e a Inteligência (*Binah*) é a Mãe. Os dois formam os pratos de uma balança. Sem Sabedoria não haveria o Conhecimento.

Quando se produz a união, nasce a Fé e se expande pelo mundo. Quando ambos estão unidos e o Filho está com eles, consegue-se a síntese perfeita, pois estão unidos Pai, Mãe e Filho. Não pode existir desvio para a direita ou a esquerda, pois os caminhos do Senhor são todos retos (por eles caminham os justos e resvalarão os malvados). Os que assim agirem, com retidão, serão sempre iluminados, como a luz de uma lâmpada. Há muito o que refletir sobre essas verdades, sobretudo em função dos malfeitos da modernidade.

A ALMA E O CORPO

O pai e a mãe de cada homem formam o corpo. O pai provê o branco dos olhos, as veias e o cérebro; a mãe provê as pupilas, o pelo e a pele. O céu, a Terra e todos os corpos celestes se associaram igualmente para a formação do homem.

Quando a alma está a ponto de baixar ao mundo, o Santo recomenda observar os preceitos da lei e satisfazer a sua vontade. Em outra ocasião, confiou 100 chaves correspondentes às 100 bênçãos que o homem deve pronunciar a cada dia. Vejam que responsabilidade!

Dado que o corpo provém da Árvore do Bem e do Mal, não há um só membro do corpo que não encerre o Espírito do Mal e o Espírito do Bem.



O AMOR DE ABRAHÃO

As Sagradas Escrituras dizem: “*E amarás ao Senhor, teu Deus, com todo teu coração, com toda tua alma e com todos os teus recursos.*” (Deut. 6:4). Com todo o teu coração significa com ambas as vertentes do coração, a do bem e a do mal. Com toda tua alma significa com os dois espíritos, o do bem e o do mal. Com todos os teus recursos significa: qualquer que seja a natureza das tuas posses, sejam provenientes de uma herança, ou do comércio, é preciso colocá-las a serviço de Deus.

São palavras do Rabi Abba: “*Todo aquele que amar Deus será coroado de graças, pois Ele se mostra complacente com todos, sem levar em conta nem seu corpo, nem seu dinheiro.*” Tão grande era o amor do patriarca Abraão pelo Senhor que lhe consagrou sua vida e sua fortuna, sem levar em conta nem seu filho, nem sua mulher, nem seu dinheiro, e se colocava nas encruzilhadas dos caminhos para dar de comer aos que passavam. Por tudo isso, foi coroado de graças.

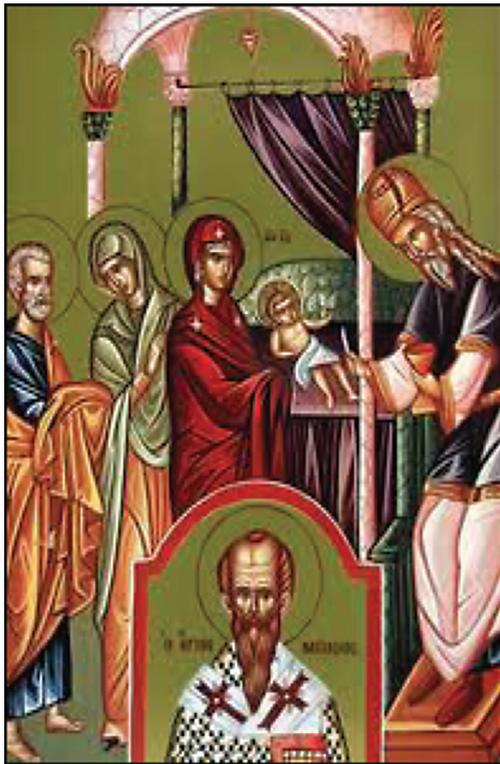
O caso do profeta Moisés foi outro. Ele levantava a cabeça sem temor e contemplava cara a cara o esplendor da Glória suprema, sem que se alterasse o seu semblante, como ocorreu aos demais profetas. Depois de haver contemplado a Glória suprema, voltou ao acampamento e falou com todos os homens que dele necessitavam.

Em diversos momentos do Zohar, deparamo-nos com a palavra *Shechiná*, ou seja, a Glória de Deus ou a Divina Presença – em geral, associada ao contexto comunitário. Da mesma raiz, há a palavra *shachen*, que significa vizinho, próximo. É uma sutil condução para o conceito de que somente num ambiente em que a relação com o próximo é respeitosa se pode ter harmonia comunitária.

A *Shechiná* (Presença Divina) trata do esplendor que emana da luz original da Sabedoria, a luz que rodeia o Todo, tal como está escrito: “*Toda a Terra está cheia da tua Glória.*”

Há explicações convincentes para a imortalidade da alma, a morte (com o anjo guardião dos mortos), a transmigração das almas, a ressurreição do corpo, a Criação (“o mundo está dividido em duas partes, uma visível e outra invisível”), os sete firmamentos, os governos celestes, os paraísos e os

infernos, os palácios de Satã, o Cântico dos Cânticos etc. Em cada capítulo há uma grande riqueza conceitual, como no momento em que se afirma que “o Sol e a Lua choraram a destruição do Templo”.



A Glória de Deus (*Shechiná*) residente em Jerusalém é chamada de Vale da Visão, pois nela estão refletidos todos os níveis celestes. A *Shechiná* esteve em Israel em todo o tempo do Exílio. Junto aos rios da Babilônia, os hebreus sentaram e choraram, recordando Sion.

Cabe uma última referência à simbologia da circuncisão, segundo os postulados do Zohar. Quando um homem faz entrar o seu filho na Aliança da circuncisão, o Santo chama todos os exércitos celestiais e lhes diz: “Veja o filho que criei no mundo.” Nesse momento, o profeta Elias baixa à Terra em

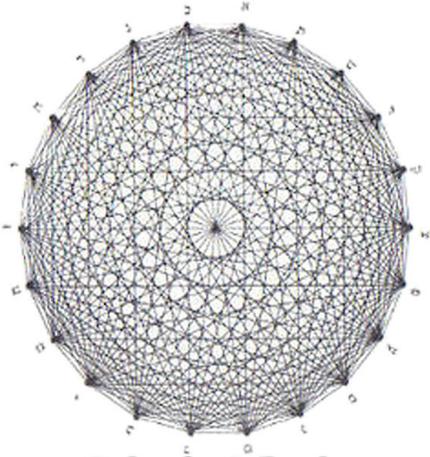
quatro voos e chega ao local da circuncisão. Por essa razão, sempre se deixa um lugar vago para ser ocupado pelo profeta, embora ele não sente. Logo após a cerimônia, volta ao céu, de onde veio.

Buscamos sempre a presença do Senhor, nas nossas festividades, que não são poucas. Quatro vezes ao ano o mundo é judaico: em *Pesach*, a comemoração dos 40 anos de travessia no deserto; em *Aseret* (*Shavuot*), pelos frutos da árvore; em *Rosh Hashaná*, pelo ano-novo, que já é o de 5.772, e em *Sucot*, para lembrar a época das chuvas. Em todas essas quatro épocas se encontra o mistério do juízo. *Yom Kippur* é o dia da expiação dos pecados, o dia do perdão.

Como se vê, uma extraordinária tradição, em que o Senhor é glorificado a cada dia, como é da nossa obrigação, e que o Zohar exalta com muita propriedade.



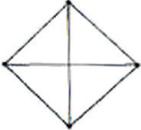
Hamsa



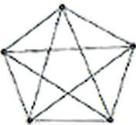
Galgal - A Roda



3 Pontos
3 Linhas



4 Pontos
6 Linhas



5 Pontos
10 Linhas



6 Pontos
15 Linhas

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
0	2	4	6	8	0	2	4	6	8
0	3	6	9	2	5	8	1	4	7
0	4	8	2	6	0	4	8	2	6
0	5	0	5	0	5	0	5	0	5
0	6	2	8	4	0	6	2	8	4
0	7	4	1	8	5	2	9	6	3
0	8	6	4	2	0	8	6	4	2
0	9	8	7	6	5	4	3	2	1

Método Lógico

PRECEITOS

O Zohar também é enriquecido por uma valiosa série de preceitos, que constituem verdadeiras pérolas da sabedoria judaica. Vejamos a síntese:



1.º) “*E no início, Deus fez o mundo*” (Gên. 1:1). Esse é o primeiro e mais importante preceito de todos, chamado também de “o Temor de *Hashem*”. *Hashem* é como se chama o “início”. “O Temor de *Hashem*” é o início da sabedoria ou o início do conhecimento. Esse é o primeiro passo para desenvolvermos conexão e vínculos verdadeiros com a Luz do Criador.

2.º) O *temor* está fortemente ligado ao *amor* e nunca dele se separa. Uma pessoa deve amar totalmente o seu *Mestre*. Como foi definido pelo Zohar, o amor genuíno, para o Criador, é incondicional. Não depende do que se recebe ou do que se dá em troca.

3.º) Consciência constante do Criador. Devemos ter consciência de que há um grande Deus que governa todo o mundo.

4.º) Tudo é Unificado. O Zohar revela que as percepções de separação e desunião são causadas pelas limitações da consciência humana. Acreditar na realidade da separação e fragmentação é a mais potente arma da cobra primitiva, e essa crença é a base de nossa maldade e do egocentrismo.

5.º) O Estudo da Torá. O Zohar expõe a suprema importância do estudo da Torá. O aprendizado traz profunda purificação espiritual e atrai bênçãos para nossas vidas.

6.º) Procriar. O ato da procriação abre, literalmente, as comportas da Luz espiritual no Mundo Superior. Através desse ato, adquirimos a habilidade de gerar crianças justas. O ato também desperta uma energia tremendamente positiva em nosso mundo físico.

7.º) Fazer a Circuncisão no oitavo dia. Seguir esse preceito ajuda a remover as forças negativas de nossas vidas.

8.º) Amar aquele que chega para ser circuncidado. O Zohar também se refere àqueles que almejam o crescimento espiritual e a verdadeira transformação. Entender esse preceito nos habilita a ajudar as pessoas em seus esforços por uma real mudança espiritual.

9.º) Demonstrar Misericórdia aos necessitados e supri-los com alimento. O Zohar discute a importância espiritual de compartilharmos com nossos semelhantes. Quem doa ganha mais do que quem recebe. Os atos de dar e receber despertam o nosso desejo de compartilhar.

10.º) Vestir o “Tefilin”* é completar-se com a Imagem Suprema. A ligação do braço esquerdo com o “Tefilin” nos ajuda a anular o egoísta desejo de receber.

*“Tefilin”: duas caixinhas de couro, em que estão guardados versículos das leis sagradas, utilizadas nas orações semanais.

A anatomia humana é como um dispositivo sintonizador que recebe sinais espirituais do Mundo Superior. O lado esquerdo, especialmente o braço, é a antena para as energias espirituais que motivam os desejos humanos.

11.º) Doar o dízimo. Os Cabalistas ensinam que somente através do dízimo e da doação de parte do que recebemos na vida podemos, realmente, proteger e merecer tudo o que possuímos, agora e no futuro.

12.º) Trazer o “primeiro fruto das Árvores”. Em todas as áreas da vida, o primeiro lugar delinea a Luz da verdadeira bênção sobre todo o resto. É adequado, portanto, que o nosso primeiro ato ao acordar todas as manhãs seja uma conexão positiva com Deus, tornando esse momento uma semente para o dia inteiro.

13.º) Realizar o Ritual de Redenção para O Filho Dele e se conectar ao Poder da Vida. O Zohar transmite um segredo em relação ao filho primogênito. Quando a criança passa por um ritual de separação da força da morte é, então, conectada à realidade da *Árvore da Vida*, um reino de alegria e bondade infinitas. O primogênito é a semente de todos os outros filhos que virão, protegendo os futuros irmãos.

14.º) Observar o Shabbat. Aqui o Zohar apresenta duas ideias. A primeira se refere ao poder do 7.º dia da semana, identificado como a última fonte de Luz e bênçãos para os outros seis dias. O segundo ponto se refere ao poder do Shabbat de remover todos os anjos ruins e os julgamentos negativos que pairam sobre o mundo.

CONCLUSÕES



Como vimos, Zohar é a alma da cabala. Pode-se afirmar que a alma é uma energia cósmica que integra a Luz infinita. Se quisermos entender o que o espírito representa em nossa existência, devemos aprofundar o entendimento

dos preceitos do Zohar para que se alcance a plenitude da felicidade.

O homem primordial, aqui referido, não é o que conhecemos em nossas vidas – e sim a essência espiritual. Adman Kadmon não representa o Adão da Bíblia; esta não é um livro de histórias, mas um código cósmico, onde se pode perceber que Adão e Eva tinham uma só alma, não eram pessoas físicas, mas uma inteligência.

Quando cometeram o pecado no Paraíso, foram expulsos, o que, na verdade, provocou uma explosão. Cada parte de Adão, com isso, criou um ser humano dotado de espiritualidade, que significa a consciência coletiva da humanidade.

É um estudo muito bonito. Ao ser compreendido e aplicado, poderá nos tornar seres mais completos, dotados da felicidade com que sempre sonhamos. Vale lembrar a definição do povo judeu dada por um dos maiores escritores do mundo, o russo Leon Tolstoi (1829-1910), descendente de família cristã:

“O judeu é um povo sagrado que trouxe dos Céus a chama perpétua e com esta iluminou o mundo inteiro. O judaísmo é a vertente religiosa, fonte de onde todos os outros povos tiraram suas crenças”.

Comemorou-se há pouco o ano-novo de 5.772. Não é o tempo de vida da religião judaica, mas o que se presume, sem considerações científicas, que exista o mundo.

Na oração final do *Yom-Kipur*, Dia do Perdão, o rabino Sérgio Margulies disse enfaticamente a frase que não deve sair do nosso espírito: “*Que sejamos recordados e que seja confirmada e selada a nossa inscrição no Livro da Vida, da bênção, da paz e da prosperidade*”.

É o que deve prevalecer na existência de cada um de nós e de toda a humanidade.

Bibliografia

- El Zohar. Ediciones Obelisco. Tradução de Carlos Giol. Barcelona, Espanha, 6.ª Ed., 2011.
- Encyclopaedia Judaica Jerusalem. The Macmillan Company – New York, 1971.
- Niskier, Arnaldo. Haskalá, o Iluminismo Judaico. Editora Altadena. Rio de Janeiro, 2010.
- _____. Shach, as lições de um sábio. Edições Consultor. Rio de Janeiro, 2001.
- Roth, Cecil. Enciclopédia Judaica. 10 vols. Editora Tradição. Rio de Janeiro, 1967.
- Scholem, Gershom. Cabala. Judaica. 10 vols. A. Koogan Editor. Rio de Janeiro, 1989.
- The Zohar. Coordenação de Simeon bar Yohai. New York, 2003 – Kabbalah Centre International.

Palavras finais

SERGIO PAULO ROUANET

Arnaldo Niskier, a intensidade dessas palmas, a duração desse aplauso comprovam cabalmente que eu tinha razão quando fiz essa encomenda a você. Você pode ter achado inicialmente que era uma implicância de irmão, que costumamos fazer com uma certa frequência, e eu não sei se eu notei, ou se imaginei, até uma certa relutância de sua parte para aceitar essa encomenda, mas você leu não sei quantas páginas dessas duas mil; você me faz a confiança, depois, de quantas dessas duas mil páginas você leu. Nós aprendemos tanto e o que foi dito ecoou tão fundo na plateia, que eu tenho certeza de que todos nós presentes aqui estamos torcendo para que você continue com o restante das duas mil páginas que não foram mencionadas até agora.

Arnaldo, esse tema que você tratou de uma maneira tão brilhante, faz com que eu me lembre de novo do que eu disse no final da minha palestra sobre Scholen, esse grande conhecedor da mística judaica, que fez as duas coisas – ao mesmo tempo ele usou os métodos racionais da filologia, da crítica histórica, etc., e ao mesmo tempo ele resgatou, usou daquela crítica injusta, feita pela Haskalá, no sentido de que era o livro das mentiras que obscureceu a pura luz do judaísmo. Você conseguiu fazer as duas coisas, você mostrou

que é um homem racional, e, ao mesmo tempo mostrou que é um homem de fé. Então, esse conflito entre a fé e a razão pulsa no coração de todas as três religiões monoteístas, as três religiões do livro, e nos faz ansiar por algo – quem sabe se o Luiz Paulo Horta, que acabou de publicar um livro maravilhoso sobre a Bíblia, consegue tematizar no contexto do cristianismo essa mesma fé que o papa João Paulo II tematizou em uma Encíclica que se chama *Fides et Ratio* (Fé e Razão), o grande tema da conciliação entre a fé e a razão. Como você disse: a Bíblia cristã, que em grande parte é a Torá judaica, não pretende ser um livro de história, não pretende ser um livro de ciência, funciona em um outro termo. É uma narrativa, cheia de simbolismo, literariamente de uma beleza extraordinária, mas não pretende ser científica. Eu tenho a impressão de que seria interessante e enriquecedor para todos nós se esse mesmo tema da *Fides et Ratio* (a fé e a razão), que foi tratada tão brilhantemente, hoje, por Arnaldo Niskier, sob uma perspectiva judaica, pudesse ser tratado também na perspectiva do cristianismo. Faço a você, Luiz Paulo Horta, uma encomenda: que faça a mesma coisa com relação ao cristianismo. E há outra, o último povo do livro, porque são três religiões monoteístas, que são povos do livro, somos todos filhos de Abraão, seria interessante se nós encontrássemos, eventualmente, algum intelectual islâmico que pudesse (talvez Ali Kamel) mostrar como, na perspectiva do islamismo, se deu o mesmo dilaceramento, o mesmo conflito e a mesma perspectiva de reconciliação última, entre a *Fides* e a *Ratio*.



Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Arnaldo Niskier.

Petit Trianon – Doado pelo governo francês em 1923.
Sede da Academia Brasileira de Letras,
Av. Presidente Wilson, 203
Castelo – Rio de Janeiro – RJ



PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n.º 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basilio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	José Murilo de Carvalho
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Nelson Pereira dos Santos
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Cleonice Serôa da Motta Berardinelli
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Helio Jaguaribe
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Celso Lafer
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Marco Lucchesi
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Sílvio Romero	Affonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Antonio Carlos Secchin
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Luiz Paulo Horta
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Domício Proença Filho
29	Martins Pena	Artur Azevedo	Geraldo Holanda Cavalcanti
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Merval Pereira
32	Araújo Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Marco Maciel
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10.5/16 PT

